



O Desembarque Anfíbio de Salerno e sua Influência nas Operações do TO Italiano

Waldir José Rabuske

Matéria extraída de monografia elaborada, pelo autor, como exigência curricular para obtenção de diploma do curso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Estuda a "Operação Avalanche" (desembarque anfíbio dos Aliados em Salerno, Itália), desde a sua concepção até a conquista do objetivo final, e as influências que ela exerceu nas operações do TO italiano, durante a Segunda Guerra Mundial.

Com a invasão principal do território italiano, através do desembarque anfíbio em Salerno (9 de setembro de 1943), simultaneamente à divulgação da capitulação da Itália, os Aliados lograram conquistar o objetivo a que se haviam proposto: o porto de Nápoles. Entretanto, ao contrário do que os Aliados previam, as futuras operações no teatro-de-operações italiano se caracterizaram por uma obstinada resistência alemã ao seu avanço, desde o primeiro momento, até abril de 1945, quando foi rompida a última linha defensiva alemã, ao norte dos Apeninos.

Tudo indicava aos Aliados que o desembarque em Salerno, otimisticamente denominado **Operação Avalanche**, ou isolaria parte do X Exército alemão, no sul da Itália, ou apressaria

o seu retraimento para o norte dos Apeninos. Porém, depois de quase terem conseguido empurrar os Aliados de volta para o mar, em Salerno, os alemães ainda resistiram, durante cerca de 8 meses, na **Linha Gustavo**, ao sul de Roma. Nela, cobraram pesado tributo dos Aliados, nas batalhas do Rio Rápido, Monte Cassino e Ânzio, para só então, quando a pressão se tornou insustentável, retraírem-se para a **Linha Gótica**, ao norte dos Apeninos, onde o sacrifício que impuseram aos Aliados não foi menor.¹

Desse modo, uma campanha que os Aliados esperavam liquidar ainda em 1943, sem muito esforço, transformou-se noutra, cruenta e desgastante, e que somente terminou em abril de 1945, demorando cerca de 20 meses.

1. Como puderam comprovar os integrantes da Força Expedicionária Brasileira, que ali combateram, integrados ao V Exército americano, do general Mark Klark.

Estratégia no Mediterrâneo e na Itália

A Estratégia dos Aliados

Para que se possa ter uma compreensão do exato papel que a Itália representou para os Aliados na II Guerra Mundial, vale a pena fazer-se um retrospecto dos fatos que contribuíram para o delineamento da estratégia adotada e que condicionaram as atividades militares, inicialmente no teatro-de-operações do Mediterrâneo e, depois, no italiano.

Para a obtenção da vitória final sobre as potências do Eixo,² os Aliados concordaram, desde logo, que a Alemanha era o inimigo principal e, por isso, sobre ela deveria concentrar-se, inicialmente, todo o poder disponível. Havia, porém, uma diferença básica de concepção entre ingleses e americanos para a consecução desse objetivo.

Os ingleses, como reflexo da posição insular em que se encontravam e da longa tradição de guerra contra as potências continentais, davam mais ênfase ao poder aéreo e naval do que a poderosas forças terrestres. A submissão da Alemanha com o emprego desses meios representaria um processo lento, mas os ingleses estavam acostumados a guerras longas e não tinham dúvidas sobre a vitória final. Concordavam que o golpe final deveria ser desfechado pelos exércitos terrestres, mas somente após terem sido conquistadas as posições estratégi-

cas indispensáveis à ofensiva, e depois que a máquina de guerra inimiga estivesse suficientemente enfraquecida. O primeiro-ministro inglês, Winston Churchill, defendia o Mediterrâneo como sendo a região por onde se deveriam desencadear as operações periféricas que levariam ao desgaste da Alemanha. Achava Churchill que um ataque pelo sul, partindo do Mediterrâneo, além de poupar vidas, incidiria no flanco do ataque alemão sobre a União Soviética e preservaria os Bálcãs das ambições de Stalin.

Os americanos, por seu turno, não se achavam dispostos a enfrentar uma guerra prolongada. Confiantes no poderio econômico de seu país e conscientes de que poderiam montar, em curto prazo, uma poderosa máquina de guerra capaz de garantir aos Aliados a vitória contra as potências do Eixo, desejavam concentrar, o mais cedo possível, todo o poderio disponível contra o inimigo

principal, a Alemanha. Para isso, pregavam um golpe direto contra o coração inimigo, pelo caminho mais curto e mais direto, partindo das Ilhas Britânicas, através do Canal da Mancha e do Estreito de Dover, contra o litoral francês e os Países Baixos. Os planejadores americanos se contrapunham à estratégia periférica de Churchill. Primeiro, por não entenderem esse conceito, na sua íntegra; segundo, porque, na época, pouco sabiam sobre o emprego estratégico do poder naval. Havia ainda, por último, o entendimento de que o interesse dos ingleses, no Mediterrâneo e nos Bálcãs, visava à manu-

Havia o entendimento de que o interesse dos ingleses no Mediterrâneo e nos Bálcãs visava à manutenção de sua secular influência nessas regiões

2. Formado por Alemanha, Itália e Japão.

3. A Alemanha havia invadido a União Soviética em junho de 1941, rompendo o pacto Ribentrop-Molotov com o que a sorte dos Aliados dependia, agora, do desfecho da guerra naquela frente.

tenção de sua secular influência nessas regiões.

Essas posições conflitantes marcaram presença em praticamente todos os encontros entre ingleses e americanos, quer nos de cúpula, dos quais participaram os seus líderes máximos — o primeiro-ministro Winston Churchill e presidente Franklin Delano Roosevelt —, quer entre os planejadores e membros dos estados-maiores encarregados da montagem da estratégia de ambos os países.

A discussão sobre o Mediterrâneo somente foi acordada na Conferência de Washington,⁴ que se realizou de 24 de dezembro de 1941 a 14 de janeiro de 1942 — logo depois do ataque japonês a Pearl Harbour —, da qual participaram Churchill, Roosevelt e assessores de alto nível ingleses e americanos. Reafirmou-se, nessa conferência, a estratégia já acertada anteriormente de que a Alemanha seria combatida primeiro. Persistiam, porém, as diferenças de opinião sobre como fazer isso. Os americanos insistindo na acumulação de meios nas Ilhas Britânicas, para a invasão pelo Canal da Mancha, e os ingleses pela condução de operações periféricas no Mediterrâneo.

Os fatos, porém, conspiravam contra os americanos. Primeiro, porque Stalin, agora aliado, clamava pela abertura de uma nova frente no Oeste e havia sempre a possibilidade de a União Soviética sair da guerra, através de uma paz em separado com os alemães, o que dificultaria sobremaneira a consecução do plano anglo-americano; segundo, porque os meios necessários para uma operação cruza-canal⁵ ainda não

se achavam totalmente mobilizados. Por isso, os americanos concordaram, nessa conferência, com a elaboração de um plano de invasão do norte da África, porém sem comprometimento definitivo com nenhuma operação.

Nessas circunstâncias, Churchill venceu a relutância dos americanos, na reunião seguinte, em Washington,⁶ em junho de 1942, e obteve a aprovação de Roosevelt para o início das operações no Mediterrâneo, com a invasão da África do Norte Francesa, a **Operação Torch**, que, devido à morosidade do planejamento, somente foi desencadeada em novembro daquele ano. Ao tomar essa decisão, Roosevelt contrariou seus principais assessores, principalmente o general George C. Marshall, chefe do estado-maior americano, que temia que o envolvimento dos Aliados no Mediterrâneo levasse ao cancelamento definitivo da operação cruza-canal.

Em janeiro de 1943, na Conferência de Casablanca⁷, realizada no Marrocos, a situação continuava a mesma: ainda não havia condições de se desencadear a operação cruza-canal e a União Soviética enfrentava sérias dificuldades, devido à forte pressão alemã.⁸ Por isso, os americanos aquiesceram à **Operação Husky**, de invasão da Sicília.

Churchill conseguia assim, passo a passo, o engajamento dos Aliados no Mediterrâneo. Mas, sempre enfrentando forte reação americana. Não havia, portanto, em nenhum momento, uma estratégia conjunta e definitiva. Ao iniciar-se cada passo, enquanto os

4. A conferência recebeu o codinome Arcadia e nela se aventou, pela primeira vez, uma invasão da África do Norte, Operação Gimnast, no Marrocos.

5. Operação de invasão da Alemanha através do canal da Mancha, a partir das Ilhas Britânicas.

6. Conferência de codinome Argonaut.

7. Conferência cognominada Symbol, da qual participaram Churchill, Roosevelt, Chefes de Estado-Maiore assessores.

8. Stalin havia exigido a Churchill a abertura de uma frente no Oeste, na conferência de Moscou, em agosto de 1942.

americanos esperavam poder, ao seu término, voltar-se totalmente para a operação cruzacanal, os ingleses visualizavam, no mesmo caso, o prosseguimento do esforço no Mediterrâneo.

Enquanto se detalhavam os pormenores da **Operação Husky**, que seria levada a cabo em junho de 1943, os Aliados voltaram a reunir-se em Washington,⁹ em maio de 1943, buscando preencher a lacuna que havia ficado na Conferência de Casablanca — o que fazer após a conquista da Sicília. A conferência iniciou-se no dia 12 de maio, quando era iminente a derrota dos italo-germânicos, no norte da África, e se prolongou até 25 de maio. Participaram da reunião Churchill, Roosevelt, chefes de estado-maior e consultores. Mais uma vez, constatou-se a divergência entre pontos-de-vista de ingleses e americanos. Os primeiros defendendo, como de praxe, a continuidade das operações no Mediterrâneo, com a transferência destas para a Itália continental, e os últimos insistindo na concentração de meios para uma operação pelo Canal da Mancha.

Churchill, com a sua verbosidade habitual, defendeu seu ponto-de-vista argumentando que a transferência das operações para a Itália continental levaria este país a retirar-se da guerra. E isso exerceria influência favorável sobre o governo turco, podendo levá-lo a fornecer bases de bombardeiros para a limpeza do Mar Egeu; teria repercussão nos Bálcãs, cuja defesa obrigaria à transferência de tropas alemãs da frente leste, o que aliviaria a União Soviética, e eliminaria a esquadra italiana, liberando recursos navais dos Aliados para a frente do Pacífico. Os americanos, entretanto, não se deixaram convencer facilmente, desta vez, e, ao final da

reunião, tinham conseguido finalmente a fixação da **Operação Overlord** de invasão à França, pelo Canal da Mancha, para o início de maio de 1944. Quanto às operações após a conquista da Sicília, o documento final previa, apenas, "limitadas operações no Mediterrâneo" visando à retirada da Itália da guerra, cujo planejamento ficaria a cargo do General Dwight D. Eisenhower¹⁰ e sujeito à aprovação pelos chefes do estado-maior conjunto.¹¹

Para os ingleses, que desejavam a invasão da Itália continental, a decisão era um tanto vaga e abria uma brecha para escolha da Sardenha, preferência que os americanos já haviam manifestado anteriormente. Por isso, Churchill se deslocou para Argel,¹² levando consigo Marshall, para tentar convencer, a este e a Eisenhower, das vantagens do ataque direto ao continente. Embora conseguisse sensibilizar o primeiro, Churchill não logrou convencer Marshall, que preferiu aguardar os acontecimentos na Sicília para tomar uma posição definitiva.

As suspeitas de Churchill eram corretas pois, a 2 de junho, Eisenhower determinou ao V Exército que se preparasse para uma possível invasão à Sardenha, a **Operação Brimstone**. Outros planos foram posteriormente elaborados: **Operação Gangway**, envolvendo a conquista de Nápoles a partir de um movimento terrestre, começando da ponta da bota; **Operação Musket**, relativa a um desembarque no calcanhar da Itália, em Taranto,¹³ **Operações Buttress e Goblet**, que previam desembarque no dorso do pé italiano, nas regiões dos Golfos de Gioia e Santa Eufêmia.

A **Operação Husky** foi desencadeada, em

9. Conferência Trident.

10. Comandante Supremo das Forças Aliadas no Mediterrâneo.

11. Constituído pelos Estados-Maiores americano e inglês, que englobava oficiais das 3 forças armadas de cada país e cujos chefes eram, respectivamente, o General Marshall e o General Alan Brooke.

12. Cidade onde se localizava o Q.G. de Eisenhower.

13. Este plano seria aproveitado, futuramente, para o desembarque dos pára-quedistas.

10 de julho de 1943, com o desembarque dos VII e VIII Exércitos Aliados, no extremo sul da Sicília. O rápido avanço dos anglo-americanos, proporcionado pelo colapso do VI Exército italiano, do General Guzzoni, esbarrou, entretanto, na resistência das 2 divisões alemãs que auxiliavam na defesa da ilha,¹⁴ impossibilitando assim a conquista rápida, que provavelmente teria sido possível se os desembarques tivessem ocorrido a noroeste,¹⁵ de modo a procurar o isolamento dos defensores.

De qualquer modo, os acontecimentos adversos na Sicília contribuíram, decisivamente, para o desfecho da crise interna que fermentava na Itália, desde o início de 1943 — o sentimento de inconformidade com Mussolini e as lideranças fascistas — e que era motivada, em grande parte, pela inépcia com que a guerra vinha sendo conduzida pelas forças armadas italianas, desde o início do conflito. Em 1940, haviam fracassado na Albânia; em maio de 1943, eram derrotadas na África e, em julho, com a queda iminente da Sicília, o próprio continente era ameaçado de invasão.

Numa reunião que se prolongou da tarde de 24 para a madrugada de 25 de julho, o Grande Conselho Fascista aprovou um voto de censura contra o primeiro-ministro Benito Mussolini, o que levou o Rei Vitorio Emanuel a destituí-lo, na tarde do mesmo dia 25, e nomear o marechal Pietro Badoglio para a chefia do governo. Este iniciou imediatamente negociações para fazer uma paz em separado com os Aliados, o que acelerou a decisão sobre as operações subsequentes à conquista da Sicília. Eisenhower havia decidido que, se a Itália não abandonasse a luta até a conquista da Sicília, levaria a cabo a invasão do país, através de um desembarque direto na Calábria, na ponta da bota, secundado, se necessário, por outros dois — um mais ao

norte, no cano, e um último na Sardenha, para o qual já havia obtido autorização dos chefes do Estado-Maior conjunto, a 17 de julho, sendo que estes expressaram, na oportunidade, o seu interesse pelo desembarque direto na região de Nápoles, em substituição ao que ocorreria na Sardenha.

Motivado pelas notícias da queda de Mussolini, no dia 25, o que aumentava consideravelmente as possibilidades de uma saída da Itália do conflito, Eisenhower resolveu reavaliar seu estudo. Manteve o desembarque na Calábria e incluiu um, na região de Nápoles, conforme a sugestão dos chefes do estado-maior conjunto. Essas operações foram aprovadas por este órgão, em Cartago, no dia seguinte, e imediatamente encaminhadas, para planejamento, aos Generais Mark Klark e Montgomery, comandantes, respectivamente, dos V e VIII Exércitos.

Nascia, assim, a **Operação Avalanche**, um desembarque anfíbio na costa ocidental da Itália. A **Operação Baytown**, de desembarque na Calábria, seria executada previamente e teria como objetivo atrair as forças inimigas e desviar sua atenção do desembarque principal, na região de Nápoles. O local exato seria determinado, posteriormente, por Mark Klark e submetido à aprovação do general Harold Alexander, comandante do XV Grupo de Exércitos. Os objetivos mais amplos eram a conquista do porto de Nápoles e das bases aéreas de Foggia, na Apúlia. Mais tarde, um outro desembarque improvisado em Taranto, a **Operação Slapstik** — seria acrescido ao plano de invasão e executado na mesma data que o de Salerno.

Mais uma vez, não havia um plano estratégico definitivo a orientar as operações; assim como não ficara decidido o que se faria depois da conquista da África do Norte, quando do

14. Mais tarde, esse número seria aumentado para 4.

15. Conforme o plano original, abandonado por insistência de Montgomery, Comandante do VIII Exército, que o considerou muito arriscado.

desencadeamento da **Operação Torch**; assim como não se sabia o que se faria depois da conquista da Sicília, quando as tropas ali desembarcassem; também agora não se sabia exatamente o que se faria depois da conquista de Nápoles e de Foggia. O fato concreto era que os Aliados haviam decidido pela continuidade das operações no Mediterrâneo, com a invasão do continente, e a efetivariam, realizando o esforço principal através de um grande desembarque anfíbio na sua costa ocidental, na região de Nápoles.

O alto comando aliado não considerou seriamente, na oportunidade, desembarques mais ao norte, por superestimar o poder aéreo e naval alemão, que na realidade estava bastante enfraquecido. Com isso, perdeu, provavelmente, a melhor oportunidade de isolar todas as forças alemãs no sul e no centro da Itália. Um desembarque em Roma teria sido, como veremos mais adiante, o golpe de graça no exército alemão na Itália.

Enquanto transcorria o mês de agosto e os planos de desembarque eram elaborados, o marechal Badoglio, substituto de Mussolini, procurava negociar um armistício com os Aliados. Para isso, Badoglio encarregou o general Aldo Castellano, que estabeleceu o primeiro contato com o embaixador inglês em Madri no dia 16 de agosto. Após uma série de reuniões, Castellano assinou o armistício na Sicília, no dia 3 de setembro, quando o VIII Exército de Montgomery desembarcava na Calábria, ficando acordado que a divulgação se daria na véspera do desembarque do V Exército de Mark Klark, agora já definido para ser executado em Salerno, no dia 9 de setembro. Ficou acertado, também, que a 82ª Divisão Aeroterrestre saltaria em Roma, na mesma data, dia 9, para, em coordenação com as 5 divisões italianas, man-

ter a capital, até que as forças de desembarque de Mark Klark fizessem a junção.

A Badoglio, porém, foi comunicado — talvez por questões de segurança — que o desembarque ocorreria entre os dias 10 e 15 de setembro. Os comandantes italianos não foram alertados com a devida antecedência e não estavam preparados, no dia 8 de setembro. Considerando que essas condições não eram satisfatórias, Eisenhower sustou o lançamento da 82ª Divisão, que, desse modo, não foi empregada nem em Roma nem por Mark Klark em Salerno, por acasão do desembarque, de acordo com o planejamento inicial, com prejuízo para as operações, conforme veremos mais adiante.

A Estratégia dos Alemães

Desde o início de 1943, Adolf Hitler vinha acompanhando, com preocupação, a crescente instabilidade interna na Itália e, em maio, após a perda da Tunísia, havia determinado ao alto comando alemão, o O.K.W.,¹⁶ que elaborasse planos para a defesa da Itália pelas forças alemãs, no caso de colapso da resistência italiana ou no caso de um acordo desse país com os Aliados. Diante da perspectiva de perder seu aliado mais forte, Hitler visualizara três alternativas. A primeira era defender toda a Itália e a Grécia, o que implicava, além da alocação de grandes recursos para um teatro de operações considerado secundário, num grande risco de flaqueamento, caso os Aliados tivessem êxito num desembarque mais ao norte. A segunda era evacuar toda a Itália, o que implicava: no abandono dos recursos do Vale do Pó; em ceder excelentes bases para a força aérea dos Aliados, capacitando-a a executar o bombardeio estratégico do sul e centro da Alemanha; na entrega de regiões de onde poderiam ser

16. Ober Comando der Wehrmacht, órgão criado por Hitler para coordenar as operações conjuntas das 3 forças.

executadas, em boas condições, operações anfíbias contra o sul da França e contra os Bálcãs; numa possível mudança de atitude em relação à guerra pelos estados-satélites balcânicos; e num possível abandono da neutralidade por parte da Turquia. A terceira era uma defesa que permitisse conservar apenas o Vale do Rio Pó, com seus recursos agrícolas e industriais.

Por suas inúmeras implicações negativas, Hitler praticamente descartara a alternativa de evacuar toda a península. O seu primeiro plano fora defender toda a Itália e os Bálcãs. Para isso, encarregara o marechal Erwin Rommel de montar um quartel-general de um grupo-de-exércitos em Munique, para elaborar os planos necessários. O grupo-de-exércitos B, como seria designado, constituir-se-ia de cerca de 16 divisões, a serem retiradas do leste e da França. Em junho, porém, 5 dessas divisões foram empregadas numa ofensiva alemã no leste. Rommel, que sempre manifestara a opinião de que os alemães deviam manter apenas o norte da Itália, argumentou que essa redução inviabilizava o plano original. Hitler concordou, e os planos seguintes passariam a encarar a defesa da Itália, nos Apeninos, ao norte de Roma.

O marechal Albert Kesselring, comandante-em-chefe alemão no sul da Itália, ao contrário, achava não só possível mas aconselhável a defesa de toda a península, pois descartava definitivamente qualquer hipótese de defeção. Sua extremada confiança nos italianos o impedia de fazer uma avaliação realista do panorama político do país. Por isso, não lhe foram revelados, de imediato, os planos que encaravam uma possível defeção da Itália.

A notícia da substituição de Mussolini por Badoglio, no dia 25 de julho, levou Hitler a

acreditar que a defeção da Itália era iminente e os planos alemães visando à ocupação desse país adquiriram grande importância e urgência. Naquela mesma noite, Hitler ordenou que se ocupassem os desfiladeiros dos Alpes, para permitir a entrada das forças germânicas na Itália. Na noite seguinte, após uma reunião à qual compareceram todos os principais líderes políticos e militares, Hitler determinou a adoção das seguintes medidas: elaboração do **Plano Student**, que previa a ocupação, de surpresa, de Roma e a restauração do governo de Mussolini, a cargo do XI Corpo Aéreo,¹⁷ constituído da 2ª Divisão de Pára-quedistas. Para tanto, foi providenciada a sua transferência de Nîmes, na França, para Óstia, próximo a Roma, onde foi integrada pela 3ª Divisão Panzergrenadier;¹⁸ o planejamento da Operação Schwartz, que visava à captura e destruição de toda a esquadra italiana, a cargo do quartel-general naval alemão na Itália; a execução da **Operação Eiche**, de resgate a Mussolini, sob a supervisão de Kurt Student, Comandante do XI Corpo Aéreo, e a cargo do Capitão SS Otto Skorzeny; o Planejamento da Operação Achse (Eixo), que previa a ocupação de toda a Itália; e, finalmente, a execução do **Plano Alarico**, de ocupação do norte da Itália, a cargo de Rommel.

Ao iniciar-se o mês de agosto, quando Hitler não acalentava esperanças de que o Eixo pudesse conservar a Sicília e aumentavam as suspeitas de uma "traição" por parte da Itália, o O.K.W. expedia o **Plano Achse**.

O plano abordava os perigos a que estariam submetidas as tropas alemãs na Itália, em caso de defeção italiana e desembarques Aliados no continente. Naquela oportunidade, um dos grandes temores de Hitler e do O.K.W. era uma operação anfíbia contra o centro ou o norte da Itália, ao mesmo tempo em que forças italianas

17. Da Luftwaffe, a força aérea alemã.

18. Infantaria motorizada.

bloqueassem os passos nos Alpes e nos Apeninos, pois o **Plano Alarico**, recentemente posto em execução, ainda não havia proporcionado a Rommel a transferência de tropas suficientes para o norte da Itália. Roma era considerada como um objetivo muito provável, devido à presença, ali, de 5 divisões italianas, contra apenas 2 alemãs, e ao resultado psicológico favorável que a sua captura representaria para os Aliados. Outras possibilidades consideradas foram: desembarques na Calábria, que isolariam as forças alemãs na Sicília; desembarques na Sardenha, que possibilitariam operações contra o norte da Itália e contra o sul da França, pois os aeródromos da ilha permitiam a cobertura aérea necessária; e desembarques na costa do Adriático, visando às bases aéreas de Foggia, na Apúlia, que possibilitariam a montagem de operações contra os Balcãs.

Assim, o **Plano Achse** se dividia em duas partes: uma para Itália e sul da França, e outra para os Balcãs. De acordo com a parte italiana do plano, as tropas de Rommel deveriam ocupar todas as passagens na fronteira norte da Itália e nos Apeninos e desarmar as unidades italianas. As forças de Kesselring retrainariam, até serem acolhidas por Rommel, passando ao seu comando. A 90ª Divisão Panzergrenadier seria evacuada da Sardenha para a Córsega e daí para o continente. O plano refletia a idéia de uma defesa ao norte de Roma, com Hitler inclinando-se para o ponto-de-vista de Rommel.

A grande meta estratégica dos Aliados, porém, segundo Hitler e o O.K.W, eram os Balcãs e não a Itália. Primeiro, porque a malha viária balcânica era incomparavelmente inferior à italiana, o que dificultaria sobremaneira o suprimento das forças alemãs na Grécia, em caso de um desembarque aliado naquela área. Segundo, porque, na Itália, os Alpes se constituíam num obstáculo intransponível a um avanço para a Alemanha, enquanto que, nos Balcãs, o passo de Ljubljana permitiria a invasão da Europa Central. Terceiro, porque a junção com os

russos permitiria a coordenação de esforços e bloquearia a influência comunista na Europa Central, o que era considerado de interesse dos ingleses. Por último, porque os Balcãs alimentavam a máquina de guerra alemã com seus recursos minerais, principalmente o petróleo da Romênia. Em consequência, além das medidas destinadas à defesa da Itália, Hitler reforçou também os Balcãs. O efetivo alemão ali aumentou de 5 divisões, em janeiro, para mais de 13, em julho.

À medida que o mês de agosto avançava, as divisões de Rommel se infiltravam no norte da Itália e, no dia 16 daquele mês, o QG do grupo-de-exércitos B instalava-se próximo ao Lago Garda, no norte daquele país. Com isso, melhoravam as chances de salvar as tropas de Kesselring, no caso de defeção dos italianos e de desembarques Aliados no continente.

Na Sicília, a situação vinha se deteriorando. Com as providências adotadas por Kesselring, em julho — reforçar a defesa da ilha com duas divisões alemãs — o ataque Aliado perdeu a impulsão, mas não pôde ser detido, tendo em vista a enorme superioridade em homens e material dos anglo-americanos. Mesmo assim, a conquista da ilha, calculada para ser consumada em duas semanas, levou 38 dias. Messina somente foi conquistada, a 17 de agosto, após o General Hanz Valentim Hube ter conseguido retirar para o continente, através do estreito, todo o seu XIV Corpo Panzer, recentemente criado para enquadrar as 4 divisões alemãs na ilha.

Mesmo considerando o excelente planejamento realizado pelo General Hube e a perfeita execução deste por suas tropas, esse feito somente foi possível pela estreiteza de visão dos Aliados, que se deixaram influenciar pelo poderio terrestre dos alemães, não levando em conta sua fraqueza aérea e naval. Primeiro, executando um desembarque por demais cauteloso no sul e sudeste da ilha, ao invés de procurar um envolvimento mais a noroeste;

segundo, desperdiçando a oportunidade de cortar a via de retirada do XIV Corpo, através de um outro desembarque na Calábria, que se achava desguarnecida; e finalmente, permitindo a retirada do XIV Corpo para o continente, sem nenhuma interferência aérea ou naval.

Ao findar-se o mês de agosto, a situação alemã havia melhorado muito, tanto no norte como no sul da Itália. No norte, Rommel completara a concentração de suas forças e contava com 7 divisões já estabelecidas no território italiano. No sul, havia sido criado, no dia 22, o X Exército alemão, constituído dos XIV e LXXVI Corpos Panzer. O X Exército, comandado pelo general Heinrich Von Vietinghoff, estava subordinado ao marechal Kesselring, o qual contava ainda com outras 3 divisões, no centro da Itália, e com 1 na Sardenha.

Embora Hitler e o O.K.W. estivessem satisfeitos com o rumo dos acontecimentos, altamente favoráveis, durante o mês de agosto, havia ainda por resolver o problema que resultaria de um desembarque aliado e da defeção da Itália, simultaneamente ou não. As regiões consideradas mais ameaçadas eram a Sardenha, Nápoles — Salerno e Roma. Essa última era julgada a mais perigosa, no caso de o desembarque aliado ocorrer simultaneamente à defeção italiana, pois ali se concentravam 5 divisões italianas contra apenas 2 alemãs. Até mesmo o O.K.W. pareceu não acreditar que a situação pudesse ser contornada, se o desembarque ocorresse em Roma, simultaneamente à capitulação, pois, de acordo com declarações posteriores do general Siegfried Westphal, chefe do estado-maior de Kesselring, o alto comando alemão considerava as tropas de Kesselring como quase perdidas, se aquela hipótese se configurasse, tanto que chegou a suspender os recompletamentos para as forças alemãs no sul da Itália, durante o mês de agosto. Kesselring também considerava a situação bastante difícil de ser resolvida e, na sua opinião, se o inimigo desembarcasse em Roma, pelo ar e pelo mar,

seria quase impossível impedir o isolamento do X Exército.

No dia 30 de agosto, o O.K.W. expôs a versão final do **Plano Achse**. O plano conservava o seu conceito original: retraimento das forças de Kesselring e seu acolhimento por Rommel, a quem caberia a ocupação de todas as passagens nos Alpes e nos Apeninos. A estratégia de Hitler, portanto, às vésperas da invasão aliada, independentemente da defeção da Itália, era de um retraimento organizado das tropas, do sul para o centro do país e, depois, para o norte dos Apeninos, onde pretendia deter os Aliados, conservando apenas o Vale do Rio Pô. Para permitir o retraimento das divisões do sul, o X Exército deveria manter a região de Nápoles — Salerno, importante centro rododotoferrviário situado entre a Calábria e o centro da Itália.

O Desembarque em Salerno

Planejamento da Operação

O comandante supremo de todas as forças aliadas no Mediterrâneo era o general Dwight D. Eisenhower, do exército americano. O comando das Forças Singulares era exercido por destacados chefes britânicos. As forças terrestres eram comandadas pelo general Sir Harold Alexander e compreendiam o XV Grupo de Exércitos, ao qual se subordinavam os V e VIII Exércitos. As forças navais tinham por comandante-geral o almirante Sir Andrew Cunningham e o marechal do ar Sir Arthur Tedder era o comandante-em-chefe de operações aéreas.

O planejamento da operação principal de invasão da Itália, a **Operação Avalanche**, foi entregue ao V Exército do Estados Unidos, comandado pelo general Mark Wayne Clark. Este, após um estudo preliminar, selecionou dois possíveis locais de desembarque, um deles no Golfo de Gaeta, ao norte de Nápoles, e outro em Salerno, ao sul de Nápoles, pois a própria bala de Nápoles foi logo descartada pelos táticos anfíbios, devido ao fato de seus acessos se encontrarem fortemente minados.

A área ao norte de Nápoles era a que oferecia as maiores vantagens. Nela, encontrava-se a planície do Rio Volturno, constituída de terreno plano, ideal para o emprego de blindados, e não cercada por montanhas. Um desembarque ali permitiria um avanço rápido para Nápoles e bloquearia quaisquer reforços que viessem do norte. Segundo os especialistas aéreos ingleses, entretanto, a área apresentava o inconveniente de situar-se fora do alcance da cobertura aérea eficaz, ainda que com isso não concordassem seus colegas americanos.

A região ao sul, no Golfo de Salerno, apesar de possuir praias favoráveis à aproximação e ao desembarque e de permitir a cobertura aérea, a partir dos aeródromos da Sicília, apresentava-se dominada por uma linha de alturas que facilitava a defesa e formava uma barreira quase impenetrável ao movimento. Um desembarque nessa área enfrentaria um formidável fogo de artilharia e contaria com pouco espaço para manobra.

Submetidas as alternativas à apreciação de Alexander, a escolha recaiu sobre Salerno, pois a cobertura aérea era considerada essencial e aquele se recusava a considerar qualquer plano que não satisfizesse essa exigência. A despeito dos riscos de Salerno, os Aliados esperavam obter ali, baseados em afir-

mativa feita pelo seu serviço de inteligência, rápido sucesso, pois estavam de posse de informações sobre a intenção de Hitler de evacuar a Itália meridional, em caso de invasão.

O V Exército estava organizado à base de dois corpos-de-exército, o X inglês e o VI americano. O X Corpo, comandado pelo tenente-general Sir Richard McCreery, era constituído das 46ª e 56ª Divisões de Infantaria,¹⁹ da 7ª Divisão Blindada, e da 1ª Divisão Aeroterrestre. O VI Corpo, comandado pelo major-general Ernest J. Dawley, era constituído pelas 34ª e 36ª Divisões de Infantaria, pela 1ª Divisão Blindada e pela 82ª Divisão Aeroterrestre.

Para a operação, entretanto, de acordo com o plano original, o V Exército estaria

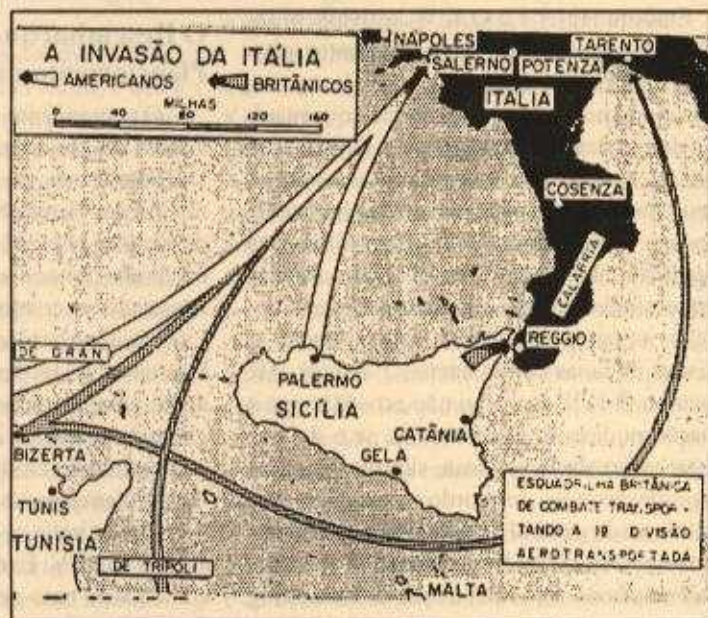


Figura 01. Rotas navais dos comboios para salerno

19. Cada divisão era constituída por 3 regimentos de Infantaria, a 3 batalhões de Infantaria cada um, e estes a 3 companhias de fuzileiros cada um. Cada regimento contava com os devidos apoios de engenharia, artilharia etc. O regimento era equivalente, portanto, à nossa brigada atual.



Figura 2. Os desembarques planejados na Itália, Sardenha e Córsega e os realmente executados

assim estruturado: a 82ª Divisão Aeroterrestre (-), com lançamento previsto em Avellino,²⁰ ao norte de Nápoles; o X Corpo, englobando os 1º, 3º e 4º batalhões de Rangers,²¹ 2º e 41º batalhões de Comandos e as 46ª e 56ª divisões, com desembarque previsto ao norte do Rio Sele; o VI Corpo, com a 36ª Divisão, ao sul do Rio Sele; e uma reserva, constituída de parte da 82ª Divisão Aeroterrestre e de um grupamento tático²² da 45ª Divisão, que permaneceria embarcada, em condições de emprego, em qualquer parte da zona-de-ação. Este plano sofreu alterações, no dia 3 de setembro, quando a 82ª Divisão Aeroterrestre foi retida, por Eisenhower, para ser lançada sobre Roma, recebendo o V Exército, em contrapartida, o restante da 45ª Divisão, que passou a integrar a reserva.

As forças navais, constituídas de 2 forças-

tarifa, uma em apoio ao VIII Exército, que desembarcara na Calábria, a 3 de setembro, e outra em apoio ao V Exército, seriam comandadas pelo vice-almirante Henry Kent Hewitt, da Marinha dos Estados Unidos. A força-tarefa em apoio ao V Exército, com cerca de 600 navios, reuniria-se no Golfo de Salerno, oriunda dos portos de Orã, Argel, Palermo, Bizerta e Trípoli, e seria dividida em 2 forças de ataque. A Força de Ataque Norte, comandada pelo comodoro G. N. Oliver, apoiaria o X Corpo, enquanto que o VI Corpo seria apoiado pela Força de Ataque Sul, comandada pelo contra-almirante John L. Hall. Na escolta dos comboios, atuariam os porta-aviões *Illustrious* e *Formidable* e os encouraçados *Nelson*, *Rodney*, *Warspite* e *Valiant*.

As forças de ataque proporcionaram tam-

20. Para impedir a chegada de reforços à região de Salerno.

21. Forças Especiais americanas, semelhantes aos comandos atuais.

22. GT, Elemento de combate, valor regimento, e de constituição mais leve, especialmente organizado para o desembarque.

bém, às forças terrestres, o devido apoio de fogo naval. No setor do X Corpo, além de um esquadrão de cruzadores em apoio geral, sob o comando direto de Oliver, os batalhões de rangers e de comandos receberiam o apoio de 2 destróieres e de 2 barcas de desembarque para canhões LCG;²³ a 46ª Divisão teria a sua disposição 3 destróieres e 3 LCG, e a 56ª Divisão, 3 destróieres e 4 LCG. No setor do VI Corpo o apoio se faria de maneira semelhante, envolvendo 3 destróieres e 3 cruzadores, em apoio às 36ª e 45ª divisões.

No apoio aéreo, seriam utilizados, ini-

cialmente, os aparelhos sediados nos porta-aviões leves *Unicorn*, *Battler*, *Attacker*, *Hunter* e *Stalker* e aparelhos P38 e *spitfires*, dotados de tanques suplementares de combustível, sediados nos aeroportos da Sicília. Posteriormente, quando o aeródromo de Montecorvino e outros a serem construídos na cabeça-de-praia estivessem em condições de uso, seriam utilizados os aparelhos de modelos P39 e P40, de menor autonomia de voo.

Quanto aos objetivos, foram escolhidos

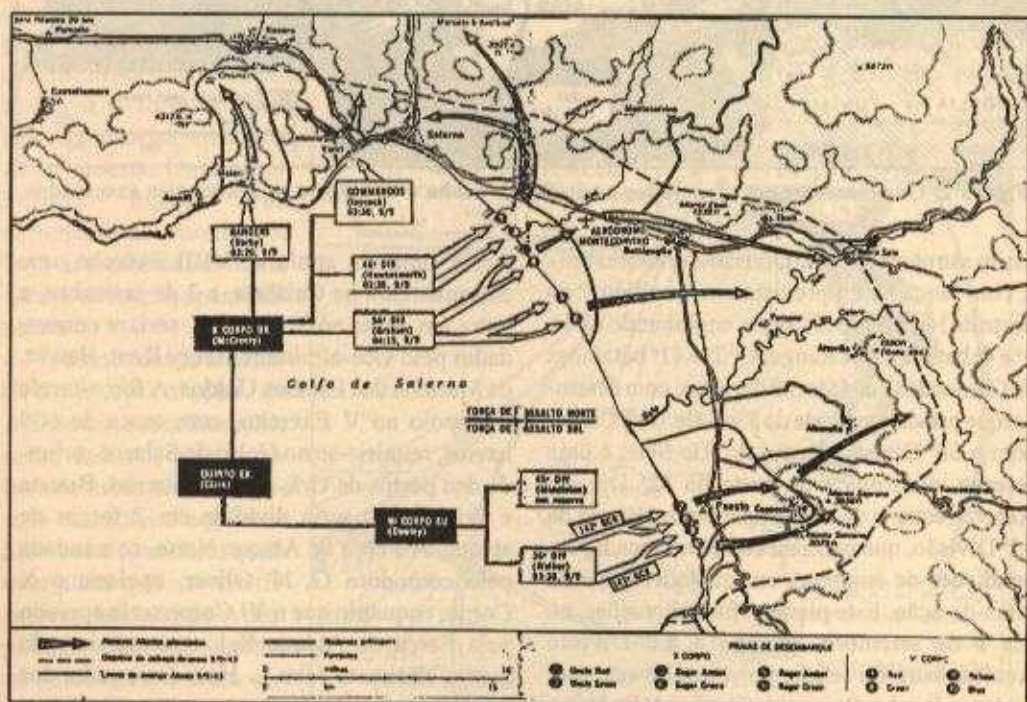


Figura 3. Os desembarques do Exército no Golfo de Salerno.

23. Launching Craft Guns. Além desta, os Aliados contavam ainda como meios de desembarque: com o Navio de Desembarque para Tanques, LST (Landing Ship Tank); com a Embarcação de Desembarque para Infantaria, LSI (Landing Craft Infantry); e com o caminhão Anfíbio, Dukw (Amphibious 2 1/2 ton. Truck).

os principais acidentes do terreno que permitissem a manutenção da cabeça-de-praia e facilitassem o posterior movimento em direção a Nápoles, objetivo principal. Os rangers deveriam desembarcar no extremo norte, em Maiori, e conquistar as alturas que dominavam o passo de Chiunzi e as ligações rododotroviárias entre Salerno e Nápoles. Aos comandos, caberia desembarcar em Vietri Dal Mare, conquistar as alturas que dominam o desfiladeiro de Molina, por onde passam a rodovia e a ferrovia ligando Nápoles a Salerno, e tomar o porto de Salerno. O desembarque principal seria dividido em duas forças de assalto: a do norte, formada pelas 46ª e 56ª divisões que, juntamente com os rangers e comandos, compunham o X Corpo, e a do sul, com a 36ª Divisão integrando o VI Corpo. Ao norte, a 46ª Divisão caberia conquistar Salerno e Mercato, enquanto a 56ª Divisão deveria conquistar o aeródromo de Montecorvino e a Ponte Sele, sobre o rio do mesmo nome, 16 Km para o interior. Ao sul, a 36ª Divisão tinha por missão conquistar Pesto e a ferrovia que conduzia à Salerno, ocupar as alturas que dominavam a praia e estabelecer ligação com o VIII Exército, que progredia da Calábria. Em reserva, ficaria a 45ª Divisão.

O Dispositivo Inimigo

Ao iniciar-se o mês de setembro, as forças alemãs no sul da Itália se constituíam no X Exército, criado a 22 de agosto, após a reorganização das divisões evacuadas da Sicília. O X Exército, comandado pelo general Heinrich Von Vietinghoff, contava com os XIV e LXXVI Corpos Panzer.²⁴ O XIV Corpo Panzer, comandado pelo general Hanz Valentim Hube, encontrava-se desdobrado da região Nápoles-Salerno e englobava as seguintes divisões: a 16ª Panzer, na região Eboli-Battipaglia; a Panzer Hermann

Göering, ao norte de Nápoles; e a 15ª Panzergrenadier na região de Fórmia-Gaeta. O LXXVI Corpo Panzer, comandado pelo general Traugott Herr, desdobrava suas divisões mais ao sul, na Calábria: a 29ª Panzergrenadier, em Reggio, na ponta da bota, e a 26ª Panzer na região de Catanzaro-Cassano. Além do X Exército, Kesselring ainda contava, sob o seu comando direto no sul e centro da Itália, com a 1ª Divisão de Pára-quedistas (-), ao sudeste de Taranto; com o XI Corpo Aéreo, integrado pela 2ª Divisão de Pára-quedistas, em Roma; e com a 3ª Divisão Panzergrenadier, em Orvieto, ao norte de Roma.

Alertado por seu serviço de informações sobre um iminente desembarque no extremo sul do continente, devido ao constante afluxo de homens e material à Messina, do outro lado do estreito, Kesselring ordenou ao LXXVI Corpo que iniciasse o retraimento, em sigilo, na noite de 1º de setembro, da 29ª Divisão Panzergrenadier para a região de Salerno, e que ficasse em condições de retardar qualquer força de desembarque com a 26ª Divisão Panzer. Em consequência, o desembarque do VIII Exército na Calábria, no dia 3 de setembro, caiu no vazio e não contribuiu com o desembarque que o V Exército realizaria em Salerno, no dia 9, na medida do esperado. No dia 7 de setembro, Kesselring, já prevendo o passo seguinte dos Aliados, determinou que o X Exército desdobrasse a 16ª Divisão Panzer nas praias do Golfo de Salerno, para conter um possível desembarque aliado naquela região, enquanto ultimava a concentração, na área, da Divisão Panzer Hermann Goering e da 1ª Divisão de Pára-quedistas (-), esta retirada da região de Taranto após o desembarque na Calábria.

Dessa forma, quando se deu o desem-

²⁴ Corpo Blindado, constituído basicamente por divisões Panzer (blindadas). Estas eram constituídas por 2 regimentos Panzergrenadier (infantaria motorizada), além dos apoios normais de artilharia, engenharia etc.

barque do V Exército em Salerno, no dia 9 de setembro, era o seguinte o dispositivo do X Exército alemão: enquadradas pelo XIV Corpo Panzer, havia a 16ª Divisão Panzer, em posição nas praias de Salerno, as Divisões Panzer Hermann Goering, 29ª Panzergrenadier e 1ª de Pára-quedistas (-), ultimando sua concentração na área, e a 15ª Panzergrenadier em Gaeta; enquadrada pelo LXXVI Corpo, havia a 26ª Divisão Panzer retraindo da Calábria.

O Assalto às Praias e os Acontecimentos do dia 9

No setor do X Corpo, os desembarques foram precedidos por uma forte preparação de artilharia naval, destinada a neutralizar as defesas costeiras, seguido do disparo de foguetes, cujos lançadores se achavam instalados em lancha de desembarque e destinados a neutralizar os campos minados das praias.

O desembarque dos rangers americanos e comandos ingleses, no extremo da zona-de-ação, ocorreu bem. Os primeiros desembarcaram em Maiori, às 03:20 horas, e, por volta de 06:00, já estavam de posse das alturas que dominavam tanto o passo de Chiunzi quanto a ferrovia e a rodovia que ligavam Nápoles a Salerno. Os últimos desembarcaram em Vietri, às 03:30 horas, e, depois de subjugarem forte resistência alemã, conquistaram as alturas que dominavam o desfiladeiro de Molina, através do qual se desenvolviam as já citadas rodovia e ferrovia que ligavam Nápoles à Salerno. Não lograram, entretanto, conquistar de imediato o porto de Salerno, pois o desembarque de suprimentos nas praias, em sua zona-de-ação, ficou temporariamente prejudicado, devido ao fogo

de algumas posições na praia, que a artilharia naval não conseguiu neutralizar.

O desembarque da 46ª Divisão iniciou-se às 03:30 horas, nos 2 setores a ela designados: Uncle²⁶ Vermelha e Verde. Na Uncle Vermelha, embora encontrasse vigorosa resistência inimiga, o desembarque saiu de acordo com o estabelecido. O desembarque destinado à Uncle Verde, entretanto, teve de ser desviado para a Sugar²⁶ Âmbar, da 56ª Divisão, devido ao fato de os foguetes destinados àquele setor terem caído neste último, por erro de trajetória,²⁷ e de a praia minada continuar se constituindo em sério obstáculo. Além disso, um ponto forte que não foi possível neutralizar na praia Uncle Verde, devido ao erro no disparo dos foguetes, impediu a descarga de suprimentos nessa praia, durante todo o dia 9.

No setor da 56ª Divisão, cuja zona-de-ação fora dividida nos setores Sugar e Roger,²⁸ ambos igualmente divididos em Âmbar e Verde, o desembarque iniciado às 04:15 horas, foi relativamente calmo, apenas perturbado por 2 incidentes. O primeiro foi a necessidade de orientar a tropa destinada à praia Sugar Âmbar para a Sugar Verde, por estar a primeira tomada pelos contingentes da 46ª Divisão, desviados de sua praia devido à imprecisão dos foguetes, o que ocasionou um congestionamento; o segundo foi um engano de orientação do contingente destinado à praia Roger Verde, que desembarcou cerca de 1500 metros à direita, perdendo-se algum tempo.

No setor atribuído ao VI Corpo, as praias para o desembarque da 36ª Divisão foram divididas em 4: Vermelha, Verde, Amarela e Azul. Nessas praias, não levando em consideração a opinião contrária de seus principais assessores,

26. Açúcar, em inglês.

27. De acordo com o planejamento inicial, em caso de erro na trajetória, os desembarques deveriam se verificar no local onde caíssem os foguetes.

28. Rogério, em inglês.

o General Klark determinou que o desembarque se fizesse sem a preparação da artilharia naval, procurando com isso surpreender o inimigo. Essa infeliz decisão prejudicou sobremaneira o desembarque dos 141º e 142º grupamentos táticos, integrantes da 36ª Divisão, que, ao contrário, quando ali aportaram, às 03:30 horas, se viram surpreendidos, nas praias, por intenso fogo aéreo, de artilharia e de morteiros.²⁹ Com a progressão dificultada pelo fogo inimigo, realizado na Torre di Pesto,³⁰ o 142º GT não conseguiu desembocar da praia Vermelha, o que ocasionou outro congestionamento.

quando o 143ºGT, reserva da 36ª Divisão, ali desembarcou, às 06:30 horas. Nas praias Amarela e Azul, o desembarque foi ainda mais difícil, devido ao intenso fogo das baterias costeiras de Agropoli, sendo que a última permaneceu inteiramente impedida, durante toda a tarde do dia 9 de setembro.

Ao amanhecer do dia 9, após se organizarem, contando com intenso apoio de fogo aéreo e naval, os Aliados iniciaram seu avanço para o interior, buscando atingir os objetivos fixados. A progressão foi, porém, lenta e desgastante, devido à forte reação das unidades da 16ª Divisão

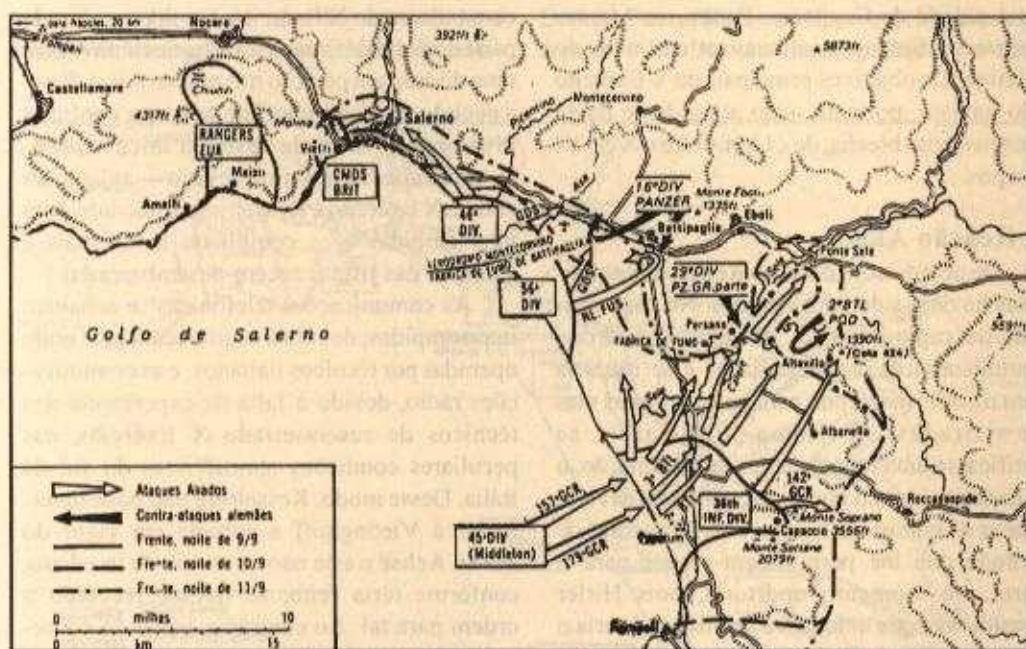


Figura 4. A situação de 9 a 11 de setembro: os alemães tentam expulsar o V Ex para o mar.

29. Os primeiros soldados Aliados que desembarcaram nas praias foram surpreendidos com o seguinte aviso de alto-falante: "aproximem-se e rendam-se".

30. Nesta área existiam antigos templos romanos construídos no século VI a.c., e várias torres construídas cerca de 1.000 anos mais tarde, para dar aviso sobre as incursões sarracenas. Torre di Pesto era uma destas.

Panzer, que contra-atacavam obstinadamente, com forte apoio de artilharia, posicionada na formidável linha de alturas que dominava as praias. Por isso, ao final do dia 9, somente os rangers e comandos haviam logrado alcançar seus objetivos, exceto o porto de Salerno, que continuava de posse dos alemães. No setor do X Corpo, nenhum objetivo havia sido conquistado e a cabeça-de-praia se restringia a uma área delimitada por uma linha que ia, de uns 5 km a sudeste de Salerno, cerca de 3 km para o interior, e retornava para a costa, a uns 6 km ao norte do Rio Sele.

A situação do VI Corpo era um pouco mais confortável, com a cabeça-de-praia englobando a cidade de Cappaccio. Porém, os Montes Soprano e Sottane continuavam em mãos do inimigo. Os objetivos principais do V Exército não haviam, portanto, sido atingidos e havia uma perigosa brecha, de 11 km, entre o X e o VI Corpos.

A Reação Alemã

De acordo com o **Plano Achse**, duas hipóteses haviam sido consideradas. No caso simples da capitulação da Itália, o X Exército neutralizaria as forças italianas e se retiraria para o norte, mantendo para isso abertas as vias de retirada para Roma. Entretanto, se verificasse uma invasão antes da capitulação, o X Exército, com o apoio dos italianos, deveria repelir os inimigos e manter abertas as rotas de retirada que lhe permitissem recuar para o norte, no momento oportuno, pois Hitler considerava que uma retirada unilateral seria o fermento ideal para o desejo latente dos italianos de abandonar a luta.

Ao tomar conhecimento da capitulação, na noite de 8 de setembro, Kesselring colocou em marcha, imediatamente, o **Plano Achse** e ficou aguardando os acontecimentos. O marechal esperava que as forças de invasão, que já haviam sido avistadas navegando ao sul de Nápoles, destinassem-se para Roma, e que

ali o desembarque fosse apoiado por unidades pára-quedistas. Se isso acontecesse, a sorte de todas as forças alemãs no sul da Itália, num total de 8 divisões, estaria selada. Nessa mesma noite, Hitler e o O.K.W., que alimentavam os mesmos temores, estudando detidamente a situação, consideraram perdidas as forças de Kesselring. Hitler expediu, em consequência, ordens imediatas para o estabelecimento de uma linha defensiva ao norte da Itália, onde deveriam ser aproveitados os remanescentes das tropas que lograssem escapar ao cerco dos exércitos Aliados.

Para a sorte dos alemães, o desembarque aliado se deu em Salerno, onde Vietinghoff, comandante do X Exército, havia concentrado parte do seu XIV Corpo Panzer, que contava com uma divisão em posição nas praias. Além disso, a decisão de Vietinghoff de se lançar contra os invasores, ao invés de se retrair imediatamente, tomada devido a um imprevisto — as ligações entre o X Exército e Kesselring se encontravam interrompidas —, complicou ainda mais a situação das tropas recém-desembarcadas.

As comunicações telefônicas se achavam interrompidas, devido à capitulação, pois eram operadas por técnicos italianos, e as comunicações rádio, devido à falta de experiência dos técnicos do recém-criado X Exército, nas peculiares condições atmosféricas do sul da Itália. Desse modo, Kesselring não pôde determinar a Vietinghoff a entrada em vigor do **Plano Achse** e este não se retraiu de imediato, conforme teria feito, se tivesse recebido a ordem para tal. Ao contrário, havendo conseguido desarmar facilmente as forças italianas no seu setor, Vietinghoff decidiu repelir os invasores, lançando contra estes todas as forças disponíveis.

Em Roma, também foi solucionado o problema que, por vários dias, mantivera Kesselring em estado de permanente tensão — em caso de capitulação, neutralizar as 5 divisões italianas sediadas na área e, ao mesmo tempo, fazer face

a um assalto aeroterrestre e/ou a uma invasão anfíbia. Esse problema somente foi resolvido a contento devido ao recuo dos Aliados, na última hora, em lançar a 82ª Divisão Aeroterrestre sobre a capital, e à audácia do general Student, que, empregando com extrema rapidez a 2ª Divisão de Pára-quedistas de seu XI Corpo Aéreo contra as forças italianas, deu-lhes a impressão de possuir um efetivo muito superior ao real, conseguindo, dessa forma, a rendição das 5 divisões italianas. Se o lançamento da 82ª tivesse sido mantido, à 2ª Divisão de Pára-quedistas não teria sido possível conter ambas as ameaças.

Com isso, Kesselring sentiu-se livre para tratar do problema da invasão, aprovando a decisão de Vietinghoff e determinando imedia-

tamente o deslocamento da 3ª Divisão Panzergrenadier — agora liberada da defesa de Roma — de Orvieto para Salerno.

Ao amanhecer do dia 10 de setembro, no 2º dia após o desembarque, portanto, a situação não poderia estar melhor para os alemães. Com o problema dos italianos resolvido e contando com a chegada da 29ª Divisão Panzergrenadier,³¹ Vietinghoff havia deslocado, na noite de 9 para 10, o grosso da 16ª Divisão Panzer, do setor americano para o setor inglês, e podia agora dedicar-se — contando com os pára-quedistas da 1ª Divisão, que já se achavam no local — à tarefa de conter os invasores. Enquanto essas medidas eram tomadas, as primeiras unidades da Divisão Panzer Hermann Göring chegavam à área, e a 15ª Divisão Panzergrenadier, a 26ª

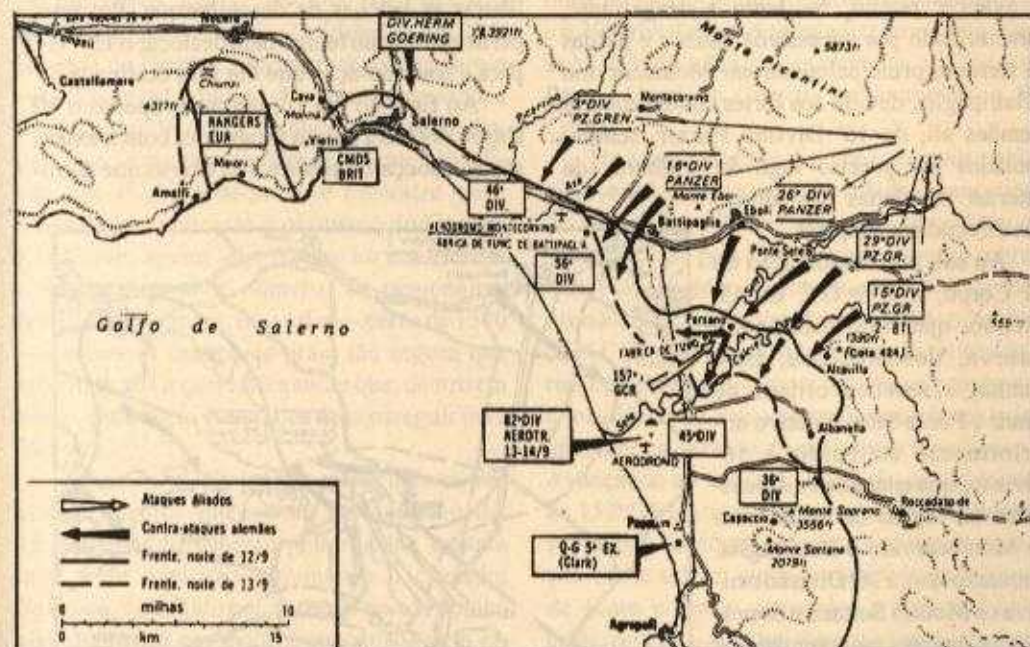


Figura 5. Situação a 12/13 de setembro: os contra-ataques alemães objetivam dividir a cabeça-de-praia aliada em duas partes.

31. Esta divisão iniciara o retraimento da Calábria, a partir do dia 1º de setembro.

navam Altavilla e a Ponte Sele. Ao norte, os principais objetivos do X Corpo — Salerno, o aeródromo de Montecorvino e Battipaglia — continuavam de posse alemães.

No dia seguinte, 11 de setembro, a resistência aos Aliados começou a aumentar, pois os reforços alemães, à medida que chegavam, eram imediatamente jogados na batalha por Vietinghoff. Os comandos tiveram que ser reforçados por um batalhão do 143º GT, para impedir que suas posições fossem rompidas ao norte. No setor do X Corpo, a 46ª Divisão, através de um ataque coordenado com os comandos, finalmente ocupou Salerno. Mas, a 56ª Divisão sofreu contra-ataques alemães de tal envergadura, na região de Battipaglia e de uma fábrica de fumo situada entre essa localidade e o aeródromo, que, ali, o 9º Regimento de Fuzileiros Reais³² da 167ª Brigada e o Regimento de Guardas e Goldstream, da 201ª Brigada de Guardas, foram rechaçados para o sul, com pesadas baixas. No setor americano, a situação foi de maior estabilidade, nesse dia, pois os contra-ataques alemães apenas impediram que a cabeça-de-praia se alastrasse mais. Talvez isso explicasse o otimismo do General Klark que, apesar dos recuos no setor do X Corpo e do grande número de prisioneiros feitos pelos alemães, nesse dia — cerca de 1 500 —, achava a cabeça-de-praia tão segura que informou ao General Alexander que, dentro em breve, estaria em condições de prosseguir para Nápoles.

Afora os combates em terra, dois outros acontecimentos mereceram destaque no dia 11. O primeiro ocorreu pela manhã, quando uma forte explosão estremeceu o cruzador *Savannah*,³³ atingido por um novo tipo de bomba alemã lançada por avião e controlada pelo rádio. O *Ancon* se encontrava tão próximo ao

Savannah, que Klark, que se preparava para descer à terra, julgou que o alvo fosse o próprio *Ancon*. O segundo foi a notícia que Klark recebeu, ao regressar, de que a 82ª Divisão Aeroterrestre não havia sido lançada sobre Roma e estava à sua disposição. Klark determinou, imediatamente, que a mesma se preparasse para ser lançada em Avellino, na retaguarda alemã, no dia 13 de setembro, dali a 2 dias portanto.

Chegou, assim, o dia 12 de setembro e Kesselring, já havendo concentrado na área todas as forças disponíveis, determinou a Vietinghoff que desencadeasse um contra-ataque geral contra os Aliados. O comandante do X Exército orientou então, contra o flanco norte do IV Corpo, as 16ª e 26ª divisões Panzer e a 29ª Divisão Panzergrenadier, enquanto que as 15ª e 3ª divisões Panzergrenadier e a Divisão Panzer Hermann Göring pressionariam o X Corpo.

No setor americano, a situação mais perigosa se apresentava para as unidades avançadas do 179º GT, na Ponte Sele, que começavam a ser recalçadas pela forte pressão inimiga sobre elas. Por isso, logo de manhã, o 154º Gt da 45ª divisão, que fora deslocado para o flanco direito do X Corpo, após desembarcar no local errado, recebeu ordens de ocupar as alturas próximas à localidade de Persano, onde também existia uma fábrica de fumo, para proteger esse flanco. Avançando ao longo do Rio Sele, as unidades do 157º GT logo verificaram que forças alemãs se haviam infiltrado e ocupado aquelas posições, pois caíram numa emboscada na fábrica de fumo e foram obrigadas a recuar. Mais tarde, porém, a 45ª Divisão conseguiu expulsar os alemães e ocupar a fábrica. Em Altavilla,

32. As divisões britânicas eram constituídas de brigadas, equivalentes aos regimentos americanos e estas, em regimentos equivalentes aos batalhões americanos.

33. O cruzador teve que ser debocado para Malta, para reparos.

entretanto, o contra-ataque da 15ª Panzergrenadier obrigou o 1º Batalhão do 142º GT a recuar desordenadamente, com grandes perdas.

No setor do X Corpo, os piores combates se deram, mais uma vez, em torno de Battipaglia, que já passara inúmeras vezes das mãos dos Aliados para as dos alemães e vice-versa. O contra-ataque dos alemães agora, porém, era bastante forte e, malgrado a heróica resistência dos ingleses, em que até feridos de um posto regimental se dispuseram a defender as posições, estes foram obrigados a recuar seu perímetro defensivo, com o abandono completo da localidade.

Nesse dia, pela manhã, o general Klark transladara o seu QG para terra, instalando-o ao sul de Pesto, no setor do VI Corpo, e passara o dia realizando reconhecimentos em toda a frente. Ao cair da tarde, perfeitamente inteirado da difícil situação do VI Corpo, que já não dispunha

de quaisquer reservas para se contrapor a um possível rompimento, chegou a aventar a possibilidade de ser empurrado até o mar.

Esse era exatamente o entendimento do comandante do X Exército alemão, o general Vietinghoff, que, considerando os sucessos obtidos nos contra-ataques desfechados em toda a frente, no dia 12, de setembro e notando que a brecha entre os dois Corpos Aliados aumentava — o que julgou ser uma atitude deliberada que prenunciava uma provável evacuação da cabeça-de-praia —, achou haver chegado o momento oportuno de desfechar o golpe de graça, através de um poderoso contra-ataque final. Por volta do meio dia de 13 de setembro, a 29ª Divisão Panzergrenadier e parte da 16ª Divisão Panzer irromperam, através da brecha entre os Rios Sele e Calore e, com os flancos fortemente protegidos, foram recalcando as Unidades da 45ª Divisão para a confluência dos dois rios.

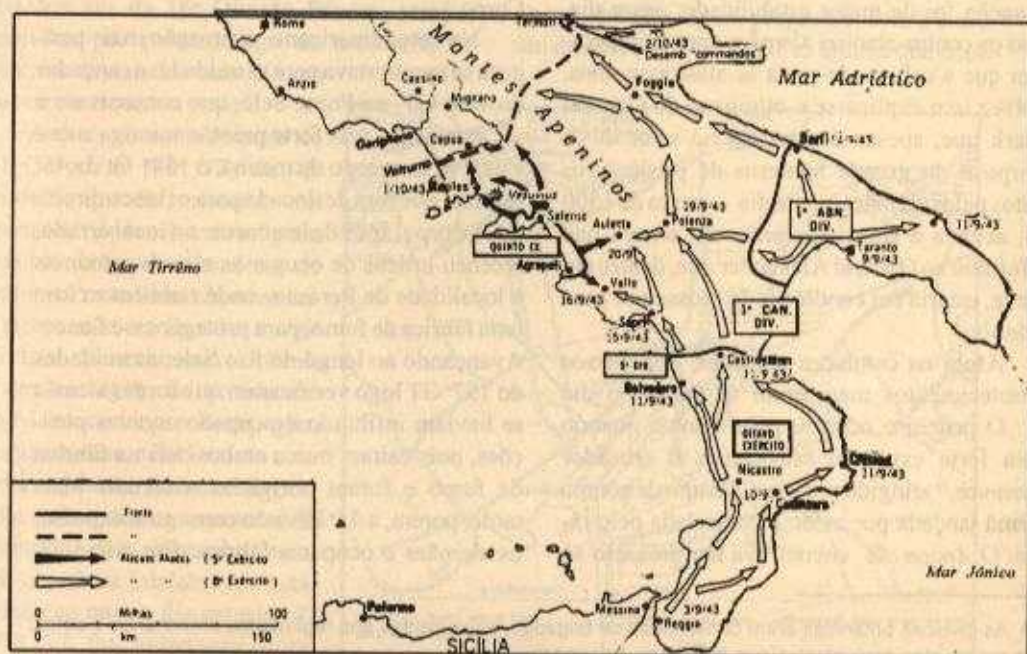


Figura 7. A saída do V Exército da cabeça de praia e o avanço para o rio Volturno

No dia 13 pela manhã, o general Klark, supondo que o contra-ataque alemão não tardaria, mandara suspender o lançamento da 82ª Divisão Aeroterrestre sobre Avellino e determinara, em caráter de urgência, que esta saltasse, nesse dia mesmo, no setor de cabeça-de-praia do VI Corpo, para reforçar sua linha defensiva.

Mais tarde, Klark foi informado pelo general Dawley de que os alemães tinham rompido em Persano e ameaçavam a área de retarguarda do VI Corpo. De fato, com o rompimento em Persano, uma coluna alemã se desviou para noroeste, isolando parte do 143º GT, enquanto o grosso se dirigia para o sul. Não havia tropa alguma que lhes pudesse barrar o caminho, por estarem todas as unidades empenhadas. Ao anoitecer do dia, a ponta-de-lança blindada de Vietinghoff alcançava a região de confluência entre os dois rios, na altura da Ponte Queimada sobre o Calore, assim chamada por ter sido incendiada pelos alemães, alguns dias antes. Nesse local, existia um vau para os panzers, o que tornava a situação extremamente difícil, pois, se os panzers vadeassem o Calore e atingissem a praia, poderiam envolver facilmente ambos os corpos Aliados.

A Resistência dos Aliados e o Avanço até o Rio Volturno

A última oportunidade, portanto, era deter os alemães na Ponte Queimada e, para isso, todos os artifícios possíveis foram utilizados. Duas unidades de artilharia, o 158º e o 189º grupos de Artilharia de Campanha, reduziram ao mínimo as guarnições das baterias e empregaram todos os homens disponíveis, como infantaria na defesa das alturas que, pelo sul, dominavam a ponte; todos os homens disponíveis foram enviados para a defesa na Ponte Queimada; e até uma banda de música recebeu ordens para trocar os instrumentos por armas e

tomar posição em um morro, que, por isso, passou a ser chamado de Pico do Pícolo.³⁴

O forte apoio de fogo aéreo e naval, que desde o início da operação era um dos principais responsáveis pela manutenção da cabeça-de-praia, necessitava agora ser implementado ao máximo, para, juntamente com o esforço de terra, conter a impulsão do ataque alemão. Para isso, houve a interferência do próprio general Eisenhower, comandante supremo das forças aliadas que determinou aos comandantes-em-chefe das forças aérea e naval, ao marechal-dor Tedder e ao almirante Cunningham, que empregassem todos os meios à disposição, inclusive bombardeiros estratégicos e grandes encouraçados, para proporcionar todo o apoio de fogo possível.

Apesar de Tedder ter relutado em utilizar bombardeiros pesados em atividade tática e de Cunningham ter se contraposto à idéia de aproximar os encouraçados das praias, as ordens foram cumpridas e um tamanho volume de fogo foi despejado sobre as posições e vias de acesso inimigas. O prosseguimento do seu ataque se tornou extremamente difícil, principalmente na Ponte Queimada, apesar de reiteradas tentativas realizadas nesse setor da frente. Entretanto, se Vietinghoff houvesse lançado um volume maior dos Panzers que tinha à sua disposição, num ataque decisivo, ao invés do emprego disperso que se verificou, os Aliados não teriam conseguido barrar o seu avanço na Ponte Queimada e a posição teria ruído completamente.

Ainda assim, a situação, no final do dia 13 de setembro, era quase que desesperadora. A pressão alemã era forte, em todos os setores. No setor de X Corpo, os comandos e a 46ª Divisão resistiam, a duras penas, à investida da Divisão Panzer Hermann Göring e a 56ª Divisão fora expulsa de Battipaglia pela 15ª Divisão Panzergrenadier. No setor americano,

³⁴. Flautista, em italiano.

a 36ª Divisão havia perdido suas posições em Altavilla e, no corredor entre os rios Sele e Calore, frente à 45ª Divisão, persistia a ameaça de rompimento na Ponte Queimada. Isso levou o general Klark a determinar ao almirante Hewitt que elaborasse planos para uma eventual evacuação do VI Corpo para o setor do X Corpo e vice-versa, o que causou grande consternação no QG de Eisenhower, onde as mensagens, chegando distorcidas, davam conta de que a evacuação era iminente.

Ainda nessa noite, por volta de 24:00 horas, de acordo com ordens expedidas pela manhã, o 504º Regimento de Pára-quedistas da 82ª Divisão saltou na cabeça-de-praia, reforçando as posições de Altavilla, sendo o general Klark informado de que o salto em Avellino, previsto para o dia seguinte, também seria executado.

No dia seguinte, em 14 de setembro, os ataques alemães reiniciaram, porém sem o ímpeto e a eficácia do dia anterior, pois os Aliados haviam se reorganizado e encurtado suas linhas de modo a minimizar a brecha entre os dois corpos, e o forte apoio de fogo aéreo e naval continuava de forma ininterrupta. Desse modo, puderam ser contidos em todos os setores. Na verdade, a maior oportunidade fora perdida por Kesselring, no dia 13 de setembro. Klark comentou posteriormente, em seu livro *Risco Calculado*: "Não posso entender como um general da capacidade de Kesselring deixou de levar avante uma ação mais poderosa numa oportunidade daquelas, nem como empregou, a retaliação, abundantes meios blindados, nas fases críticas do combate, eis que de início, contou provavelmente com seiscentos carros em Salerno. Contemplando o passado, penso, com frequência, que foi esse lapso da parte de Kesselring que nos salvou do desastre".

Ainda nessa noite, chegaram reforços, por mar, e outros 1.900 pára-quedistas da 82ª Divisão saltaram, na cabeça-de-praia. Também a retaguarda alemã foi fustigada, com o lança-

mento do 509º Batalhão de Pára-quedistas, próximo à Avellino, conforme prometido. Esse batalhão sofreu, porém, pesadas baixas, por ter ficado isolado e por ter havido imprecisão nos saltos.

Ao amanhecer o dia 15 de setembro, tornou-se patente que o contragolpe de Kesselring fracassara e que a linha da cabeça-de-praia se tornara sólida o suficiente para conter qualquer nova investida. Os ataques alemães, porém, continuaram, em alguns setores, principalmente no setor do X Corpo, onde a 46ª Divisão sofreu violenta investida, no entanto contida com o auxílio do forte apoio de fogo aéreo e naval, que continuava atuando de forma eficientíssima.

No dia 16 de setembro, finalmente, depois de



Figura 8. A campanha italiana de 1943/1945, com o roteiro de campanha da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira.

uma última investida contra a 45ª Divisão, em Battipaglia — a qual fracassou, devido à tenaz resistência americana —, considerando o perigo que o avanço do VIII Exército de Montgomery passava a representar, Vietinghoff solicitou permissão para recuar. Kesselring concordou, registrando mais tarde: "...a fim de escapar ao bombardeio eficiente das belonaves, autorizei a interrupção do combate, na frente costeira". De fato, na tarde desse dia, patrulhas do VI Corpo estabeleceram contato com elementos avançados do VIII Exército de Montgomery, em Vallo, cerca de 24 km a sudeste de Agropoli.

Nos dias seguintes, os combates foram cessando. Inicialmente, na frente do VI Corpo e, posteriormente, na frente do X, ficando finalmente restritos à região de Salerno, onde a luta ainda se fazia violenta. No dia 19 de setembro, o V Exército foi reforçado pela 3ª Divisão de Infantaria, comandada pelo general Lucian R. Truscott e, no dia 20, a batalha de Salerno foi dada oficialmente como terminada, havendo custado aos Aliados mais de 12.000 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos.

Ainda assim, o grande objetivo da Operação Avalanche — o porto de Nápoles — continuava em mãos do inimigo e Kesselring não estava disposto a ceder terreno gratuitamente para os Aliados, pois alimentava a ideia de defender a Itália, a partir de uma linha ao sul de Roma. Para isso, enquanto tentava convencer Hitler, que até aqui mantinha a concepção da defesa ao norte dos Apeninos, conforme o plano de Rommel, Kesselring desenvolveu seu LXXVI Corpo, no setor leste, e o XIV Corpo, no setor oeste da península, numa linha defensiva de costa a costa, com a missão de executar um retardamento, enquanto ganhava tempo para o preparo das posições

defensivas, mais ao norte.

Os dias que se seguiram foram aproveitados por Klark para a organização do V Exército, visando à arremetida final até o Rio Volturno, passando por Nápoles. Foram recebidos os reforços da 34ª Divisão de Infantaria e da 7ª Divisão Blindada e, no dia 28 de setembro, tinha início a ofensiva final. O VI Corpo, constituído das 3ª, 34ª e 45ª divisões de Infantaria, e agora comandado pelo general John P. Lucas,³⁵ atuaria ao norte, enquanto o X Corpo, constituído pelas 46ª e 56ª Divisões de Infantaria, ficaria encarregado da manutenção da região de Salerno.

No dia 27 de setembro, o VIII Exército ocupara a Base Aérea de Foggia, na Apúlia e, no dia 1º de outubro, o V Exército ocupava a cidade de Nápoles, objetivo da Operação Avalanche, e prosseguia em direção a Volturno. Estavam assim conquistados os objetivos dos Aliados na invasão da Itália. Em poucos dias, 20.000 toneladas de suprimentos começaram a passar diariamente pelo porto de Nápoles para os depósitos estabelecidos pelos Aliados. Até o final de outubro, 155.000 toneladas de suprimentos e 37.000 veículos seriam desembarcados.

As Operações Posteriores na Itália

A Mudança de Orientação na Estratégia de Hitler

Até a véspera do desembarque em Salerno, Hitler admitia um retraimento das forças alemãs e uma defesa ao norte dos Apeninos, conforme prescrições contidas no **Plano Achse**. Tal decisão era coerente, na época, porque a situação das forças alemãs no sul e no centro da

35. O General Dawley foi substituído pelo General Lucas devido ao incidente de Pesarno, onde empenhou todas as forças disponíveis no cordão defensivo, sem conservar nenhuma reserva, o que possibilitou tamponar a brecha, quando do contra-ataque alemão.

Itália era considerada muito difícil, pelo risco de envolvimento, face à incerteza sobre o local do próximo desembarque, e porque os alemães não dispunham de forças suficientes, em Roma e no norte da Itália, para conter uma invasão e, ao mesmo tempo, controlar as tropas italianas, em caso de defeção.

Com o desembarque se verificando em Salerno, exatamente onde Kesselring julgava que ocorresse, e o seu sucesso em conter a invasão, Hitler ficou mais à vontade para decidir, pois, em curto prazo, os Aliados não teriam condições de realizar um desembarque em grande escala, mais ao norte, e era adiado, portanto, o perigo de isolamento do X Exército alemão. Kesselring comentaria mais tarde: "os planos Aliados demonstravam, o tempo todo, que o pensamento dominante em seu alto comando era o de assegurar-se do sucesso, critério esse que levava os Aliados a empregarem táticas ortodoxas. Como resultado, foi-me sempre possível, a despeito dos inadequados meios de reconhecimento e dos esparsos relatórios, prever o passo seguinte, estratégico ou tático, do meu oponente e, assim, adotar as medidas apropriadas, permitidas pelos meus recursos."

Além disso, a 12 de setembro, Otto Skorzeny, num golpe de audácia, resgatou Mussolini, na Itália, onde se encontrava preso, e o conduziu, são e salvo, para a Alemanha. Hitler conseguiu então convencer o "duce" a formar um novo governo fascista na Itália, controlada pelos alemães, e para isso, por motivos psicológicos, a manutenção de Roma, capital do país, tornou-se importante. Portanto, concluiu Hitler, a 19 de outubro: "a defesa que se pretende realizar na *Linha Bernard* é de importância decisiva para a continuação da luta conjunta".

Por outro lado, como os Bálcãs eram considerados, por Hitler e pelo O.K.W., o objetivo prioritário dos Aliados depois de Salerno, Hitler começou a achar que a manutenção do sul da

Itália poderia atender aos interesses alemães ali, na medida em que um desembarque na costa da Iugoslávia seria facilitado, se os Aliados dominassem os aeródromos de Foggia, na Apúlia. Mesmo depois, quando o VIII Exército conquistou os aeródromos, Hitler ainda continuou achando vantajosa a defesa na **Linha Bernard**, pois dali Kesselring poderia desfechar um contra-ataque para reconquistar as bases aéreas de Foggia, na oportunidade em que uma operação de desembarque nos Bálcãs estivesse em andamento.

Havia ainda outros argumentos que favoreciam a defesa, mais ao sul. Enquanto ali seriam necessárias cerca de 11 divisões para o estabelecimento da linha defensiva, no norte este número variaria de 13 a 20 divisões. Outro problema era o das forças alemãs nos Bálcãs, que seriam obrigadas a um retraimento, no caso de uma defesa ao norte dos Apeninos.

Todos esses fatores conspiravam em favor de uma defesa ao sul de Roma e, embora Hitler se aproximasse do ponto-de-vista de Kesselring, não tomou uma decisão definitiva senão em 6 de novembro, quando este foi nomeado comandante-em-chefe do sudoeste e do Grupo de Exércitos C, abrangendo todo o teatro-de-operações italiano, e recebeu instruções para uma defesa na **Linha Bernard**.

O Avanço Aliado em Direção ao Norte

Depois da campanha de Salerno, Kesselring conduziu a retirada de suas forças, com maestria, e impôs reveses quase proibitivos aos Aliados, no avanço destes para o norte. Nápoles foi ocupada pelo V Exército de Mark Klark, a 1º de outubro. E a partir daí, o X Exército alemão conduziu um movimento retrógrado em ampla escala, retardando inicialmente no Rio Volturno e depois nas inúmeras linhas de alturas dos contra-fortes da cadeia montanhosa dos Apeninos, que se desenvolvendo ao longo da

península, no sentido norte-sul, muito favorecia as ações defensivas.

...

Após ganharem o tempo necessário, os alemães se instalaram defensivamente, ao sul de Roma, numa magnífica posição constituída de 3 linhas: a **Linha Bárbara**, que na realidade era um forte posto avançado; a **Linha Bernard**, constituída de uma série de posições fortificadas e denominada pelos Aliados **Linha de Inverno**; e a formidável **Linha Gustavo**,³⁶ que se estendia dos rios Garigliano e Rápido, na costa ocidental, até o Rio Sangro, no lado do Adriático, incluindo o famoso Monte Cassino. Nessa posição, os alemães cobraram um alto preço aos Aliados, nas batalhas do Rio Rápido, Monte Cassino e Ânzio,³⁷ as mais sangrentas da campanha da Itália, até serem obrigados a abandoná-la, em maio de 1944.

Kesselring, entretanto, demorou muito a retrair-se dessa posição para a seguinte, na **Linha Gótica**,³⁸ e quando o movimento foi iniciado, a pressão dos exércitos Aliados já era muito forte, sendo este conduzido de forma desordenada. Essa circunstância, aliada à superioridade de meios de que desfrutavam, presenteou os Aliados, após a conquista de Roma, em 04 de junho de 1944, com uma excelente oportunidade de liquidar com as forças alemãs na Itália e depois prosseguir para os Balcãs. Para isso, bastava manter constante

a pressão sobre as tropas em fuga, que estas não tardariam a entrar em colapso, pois lhes faltavam meios e tempo para se reorganizarem.

O alto comando aliado, entretanto, fiel a planos anteriormente traçados, não quis rever sua decisão e, no que foi considerado por Mark Klark como um dos maiores erros estratégicos da guerra, determinou a retirada do VI Corpo de Exército americano e do Corpo Expedicionário francês, para emprego na **Operação Anvil**,³⁹ de invasão do sul da França. Com isso, Kesselring respirou novamente e, conseguindo reorganizar suas forças, completou com sucesso o retardamento até uma posição defensiva, ao norte dos Apeninos. Esta posição era constituída por uma linha avançada, nos Rios Arno e Foglia, e por outra principal, a **Linha Gótica**, que se iniciava em Massa, no lado ocidental e percorria a espinha dorsal dos Apeninos até as vertentes do Rio Foglia, onde infletia para noroeste, terminando em Rimini, no Adriático.

Com o ataque dos Aliados, em agosto, os alemães recuaram das posições avançadas para a linha principal, onde, depois de um rebatimento na parte leste e com a entrada do inverno, resistiram, até a abril de 1945, quando o rompimento da posição abriu definitivamente o caminho dos Aliados para o Vale do Rio Pô. Nessa fase, o V Exército era integrado por forças de diversas nacionalidades, entre elas, a Força Expedicionária Brasileira, comandada pelo mare-

36. Linha fortificada, construída pela Organização Todt, especializada na construção de fortificações.

37. Tentativa frustrada de desbordar a Linha Bernard, com um desembarque nas praias de Ânzio, ao sul de Roma, concomitantemente com um poderoso ataque à própria Linha Bernard. Os Aliados estimavam que Kesselring rocaria forças dessa linha para conter o desembarque em Ânzio. Este, porém, calculando acertadamente que os Aliados não se aventurariam para fora da cabeça-de-praia nos primeiros momentos, conteve a ameaça com tropas que deslocou de outros setores. Este risco foi assumido por Kesselring devido ao modo cauteloso e convencional com que os Aliados vinham planejando suas operações desde o início da guerra do Mediterrâneo.

39. Esta operação fazia parte da Operação Overlord, porém, na época já era considerada por muitos comandantes Aliados como desnecessária, devido à situação da guerra no setor ocidental. A decisão de mantê-la, impediu os Aliados de alcançar os Balcãs antes dos russos e permitiu a Stalin comunicar estes países após a guerra.

chal Mascarenhas de Moraes, cuja destacada atuação mereceu comentários elogiosos do general Mark Klark.⁴⁰ Ainda aqui, os alemães poderiam ter se retraído para os Alpes, retardando nos Rios Pó e Adige, porém permitiram-se a própria destruição no Vale do Pó, devido à recusa de Hitler em admitir qualquer recuo. Alguns dias mais tarde, terminava a guerra na Europa.

Conclusão

O fato de os Aliados, contando durante toda a campanha com grande superioridade em meios terrestres, aéreos e navais, terem sofrido tantos reveses e demorado tanto tempo para derrotar os alemães na Itália deveu-se mais a seus próprios desacertos do que ao excelente desempenho profissional do marechal Kesselring e de seus subordinados.

A origem dos desacertos Aliados na Itália, encontra-se, sem dúvida, na falta de uma estratégia clara e definida que orientasse, desde o início, as operações no Mediterrâneo. A discussão "Overlord ou o Mediterrâneo", sustentada entre americanos e ingleses acerca da maneira de conduzir a guerra, levou a uma falta de firmeza na adoção dos objetivos que foram estabelecidos. Os americanos foram conduzidos ao norte da África, pela insistência de Churchill, apenas porque algo precisava ser feito e não havia nada melhor para fazer em 1942. Ninguém sabia, porém, qual o passo seguinte a ser dado, no Mediterrâneo. O desembarque na Sicília, em 1943, seguiu a mesma norma, nada ficando acertado sobre o que fazer depois. Após o desembarque na Itália, o dilema persistiu. O porto de Nápoles e as bases aéreas de Foggia haviam sido conquistados, mas nada ficara definido sobre a continuidade das operações.

Com isso, os Aliados perdiam um tempo

precioso em discussão intermináveis, antes de se iniciar a próxima operação, o que permitia aos alemães se reorganizarem para enfrentá-los.

Ocupando posição de destaque nesses desacertos, encontra-se, entretanto, o planejamento e a execução da operação principal de invasão da Itália continental. Sem sombra de dúvida, o desembarque anfíbio em Salerno influenciou decisivamente nas operações posteriores, na Itália, indireta e diretamente, transformando uma campanha que poderia ter terminado, de um só golpe, ainda em 1943, em outra muito mais desgastante, que se prolongou até abril de 1945.

As Influências Indiretas

A extrema cautela e a convencionalidade que já vinham caracterizando os planos Aliados, desde o desembarque no norte da África, e que voltaram a se repetir no planejamento do desembarque principal, na invasão da Itália, levaram Kesselring ao convencimento de que tal procedimento voltaria a se repetir no futuro. Isso permitiu ao marechal, posteriormente, manejar os seus recursos de modo a sempre se contrapor da maneira mais adequada aos Aliados, o que influenciou indiretamente as futuras operações, com prejuízos para os Aliados.

Kesselring chefiava as forças alemãs no Mediterrâneo, desde o desembarque aliado no norte da África, e isso se constituiu numa vantagem, pois pôde acompanhar, desde o início, todos os planos Aliados e, desse acompanhamento, concluir que os Aliados não estavam dispostos a correr qualquer risco, por mínimo que fosse. Coerente com esse raciocínio, Kesselring antecipou-se aos Aliados e posicionou as tropas disponíveis em Salerno, pois apesar de outras regiões oferecerem maiores atrativos operacionais, aquela era a que ele julgava escolhida pelos Aliados, se eles mantivessem as características dos planejamentos

40. Entre seus inúmeros feitos, figura a captura da 148ª Divisão alemã, pelo 6º RI, em final de abril de 1945.

anteriores. Com o acerto da decisão em Salerno, a sua auto-confiança se fortaleceu e, daí por diante, ele baseou sempre seus planejamentos nessa linha de raciocínio, mesmo encarando grandes riscos, como em Ânzio, quando não rocou tropas da frente, conforme esperavam os Aliados, e pôde, assim, conter tanto o ataque à **Linha Bernard**, quanto a expansão da cabeça-de-praia.

Outro fator, ainda relacionado com o modo cauteloso e convencional dos planos Aliados, e que influenciou indiretamente as futuras operações, foi a determinação dos objetivos das operações, que nem na Sicília nem em Salerno foram orientados para a redução do poder militar alemão. Isso permitiu a Kesselring conservar intactas as suas divisões, depois de cada batalha, para empregá-las novamente contra os Aliados, no futuro, com sério prejuízo para estes últimos, que assim voltavam sempre a enfrentar uma força considerável.

Já durante a campanha da Sicília, esse procedimento os impediu de aproveitarem as maiores oportunidades de destruir as forças alemãs que ali combatiam e, assim de inviabilizarem definitivamente a defesa da Itália. Primeiro, ao desembarcarem no extremo sul da ilha, permitiram a Kesselring defender, retardar, em boas condições, e ainda retirar todas as divisões alemãs, praticamente intactas, para o continente. Um desembarque na parte noroeste da ilha teria possibilitado o envolvimento e a destruição de boa parte das tropas alemãs. Segundo, os Aliados também não mostram interesse por desembarques na costa do Adriático ou na Calábria — regiões que ficaram desguarnecidas quando Kesselring transferiu as divisões dali para a defesa da ilha —, o que teria permitido o isolamento de todas as forças alemãs, no sul da Itália, incluídas as da ilha. Finalmente, permitiram a evacuação das divisões alemãs, através do estreito de Messina, sem qualquer interferência, apesar da sua enor-

me superioridade aérea e naval.

No planejamento do desembarque principal na Itália, porém, a cautela dos Aliados teve a sua influência mais decisiva. Levou-os a descartar um desembarque mais ao norte, em Cititavechia ou Roma, o que teria isolado todo o X Exército alemão no sul da Itália. O próprio alto comando alemão chegou a considerar perdido o X Exército, suspendendo a remessa de recompletamentos para a Itália, durante o mês de agosto de 1943, pois um desembarque em Roma ou mais ao norte era considerado como quase certo. Não tão decisivo mas igualmente perigoso, teria sido um desembarque no Golfo de Gaeta, ao norte de Nápoles, conforme a idéia original do general Mark Klark, mas o alto comando aliado, levando em conta estimativas que davam como certo o retraimento alemão para o norte, e superestimando o seu poder aéreo — por não admitir qualquer risco — acabou optando por Salerno, para sorte de Kesselring. Assim, tanto no planejamento inicial — quando foi escolhida a área de Nápoles, ao invés de uma mais ao norte, como Roma, por exemplo — quanto depois, com a área de Nápoles já definida, e quando foi feita a opção por Salerno, os Aliados deixaram escapar as melhores chances de aniquilar, de um só golpe, todo o exército alemão no sul da Itália.

O cancelamento do salto da 82ª Divisão Aeroterrestre sobre Roma, planejado para ser executado a 9 de setembro, simultaneamente ao desembarque em Salerno, foi outra oportunidade perdida pelos Aliados para liquidar com o X Exército alemão, pois as chances de sucesso eram grandes, devido ao pequeno efetivo alemão dali — 2 divisões, contra 5 italianas. Esse desembarque teria isolado as forças alemãs em Salerno, criando sérios problemas para Kesselring. O fato é que os Aliados, também na oportunidade, não estavam dispostos a correr qualquer risco, e nessas circunstâncias, as chances de um golpe decisivo diminuiriam

bastante.

As Influências Diretas

Ainda que a falta de uma estratégia clara e definida por parte dos Aliados e a maneira extremamente cautelosa e convencional de executarem seus planos tivessem permitido aos alemães conservarem intacto seu poder militar e conduzir suas operações da maneira mais adequada, dessa forma, dificultando as operações aliadas, as extremas dificuldades que os mesmos enfrentaram a seguir, na progressão rumo ao norte da península, se deveram à mudança de estratégia de Hitler, quando este decidiu defender ao sul e não ao norte de Roma, conforme o plano original — atitude influenciada diretamente pelo desembarque em Salerno.

Embora a mudança de atitude de Hitler tivesse sido influenciada também por outros fatores — como a libertação de Mussolini, no dia 12 de setembro, com o que a manutenção de Roma adquiriu maior importância, contribuindo para o ressurgimento do novo governo títere que planejava implantar — nenhum contribuiu tão poderosamente para isso quanto o desembarque em Salerno, que, após desencadeado e não tendo obtido o êxito inicial que dele se esperava, anulou a possibilidade de outro desembarque mais ao norte, e repercutiu positivamente no moral alemão, levando Hitler a mudar de opinião sobre a defesa da Itália.

O retraimento do X Exército alemão para o norte era imperativo nos primeiros dias de setembro, após o desembarque do VII Exército na Calábria, pois todas as tropas alemãs no sul da Itália corriam o risco de um envolvimento, enquanto persistisse a ameaça de um outro

desembarque ao norte. E esse risco parou de existir quando se deu o desembarque em Salerno, pois os meios disponíveis foram todos empregados ali. Esse fato e sucesso de Kesselring em conter o V Exército, na cabeça-de-praia levaram Hitler a rever sua decisão inicial.

Caso se mantivesse apenas a expectativa de um desembarque, o X Exército alemão continuaria se retraindo, conforme o **Plano Achse**; o VIII Exército, que progredia da Calábria para o norte, ocuparia o porto de Nápoles e as bases aéreas de Foggia, sem grande desgaste e, muito provavelmente, os Aliados só encontrariam resistência séria ao norte dos Apeninos. Portanto, o grande trunfo dos Aliados residia na manutenção da expectativa do desembarque, e não na sua execução. Neste ponto, os Aliados se esqueceram dos ensinamentos militares de Sun Tzu, que afirmou ser mais sábio o general que conquista o seu objetivo sem entrar em combate, do que aquele que necessita combater para atingi-lo. Mesmo levando-se em consideração que os planejamentos Aliados para os desembarques na Itália tivessem sido atropelados na última hora por fatores políticos, cujas consequências não pudessem ser perfeitamente determinadas, acreditamos que as operações aliadas na Itália teriam sido bastante facilitadas se: primeiro, o local do desembarque da principal invasão da Itália tivesse sido escolhido mais ao norte; segundo, se após condicionado à região de Nápoles — Salerno, tivesse sido escolhida a região mais propícia do golfo de Gaeta; e finalmente, se simplesmente não tivesse sido executado, mantendo-se apenas a expectativa do desembarque. O desembarque executado, como foi, na região de Salerno, trouxe influências negativas para as futuras operações dos Aliados no TO italiano.

Bibliografia

BALDWIN, Hanson W. *Batalhas Ganhas e Perdidas*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora, 1978.

BLUMENSON, Martin. *Eisenhower*. História Ilustrada da II Guerra Mundial, Rio de Janeiro. Editora Renes. 1974.

- BLUMENSON, Martin. *Invasão da Sicília. História Ilustrada da II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro. Editora Renes. 1974.
- EISENHOWER, Dwight D. *Cruzadana Europa*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora, 1974.
- ENCICLOPÉDIA Mirador. Encyclopédia Britânica Editores, 1982.
- ESTADOS UNIDOS ARMY. Department of the Army. Office of the Chief of Military History. *As Grandes Decisões Estratégicas*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército. Editora. 1977.
- GRAHAM, Dominick. *Monte Cassino*. História Ilustrada da II Guerra Mundial. Rio de Janeiro. Editora Renes, 1974.
- HART, B. H. Lidell. *O Outro Lado da Colina*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora. 1981.
- HILBERT, Cristopher. *Invasão da Sicília. História Ilustrada da II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro. Editora Renes., 1974.
- KLARK, Mark W. *Risco Calculado*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora. 1970.
- LEWIN, Ronald. *Churchill, o Lorde da Guerra*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora. 1979.
- MASON, David. *Salerno*. História Ilustrada da II Guerra Mundial. Rio de Janeiro. Editora Renes, 1974.
- MONTGOMERY, Bernard Law. *Memórias*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora., 1976.
- HISTÓRIA da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro. Editora Codex LTDA, 1965.



Tenente-Coronel Qema Waldir JOSÉ RABUSKE — Aspirante a oficial da Arma de Cavalaria da turma de 1972, da AMAN. Psui os cursos de Informações (Categoria C1), da ESNI (1977), de Aperfeiçoamento, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1982) e de Comando e Estado-Maior, da ECEME (1993).